

**RESSIGNIFICANDO PRÁTICAS DISCURSIVAS NA ARTE: reflexões sobre a
representação homossexual na literatura infantojuvenil**

*Eixo Temático 06 - Corpo e Gênero na Arte como Potência e Vida em
Memórias e Ressignificações da Existência*

Terezinha Richartz ¹

RESUMO

O discurso heteronormativo é predominante em obras literárias, sendo ainda mais evidente em enredos que versem sobre reis, rainhas, príncipes e princesas, o que indica, portanto, que a homossexualidade seja pouco abordada em romances infantojuvenis. Porém, através de seu poder transformador, a arte literária é capaz de construir e desconstruir discursos. E nesse sentido, objetiva-se no presente artigo, analisar o romance “A Princesa e a Costureira”, de forma a mostrar o questionamento que a autora faz em relação às temáticas heteronormativas, ao priorizar o protagonismo homossexual no romance, rompendo assim, com a heteronormatividade compulsória, além de apresentar a princesa negra que se apaixona por uma mulher pobre, o que contraria, então, as propostas da maioria dos contos de fadas.

Palavras-chave: Arte. Homossexualidade. Literatura infantojuvenil.

INTRODUÇÃO

Obras literárias são ferramentas importantes para a manutenção da ideologia opressiva de gênero, raça/etnia e classe social, visto que, a maioria dos enredos destaca a heterossexualidade como sendo normal e a homossexualidade como um desvio de

¹ Doutora em Ciências Sociais. Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino da Universidade Vale do Rio Verde (UninCor). Email: terezinha@unincor.edu.br

comportamento, além do branco como modelo de beleza e do negro como subalterno, perfazendo uma apologia à riqueza em detrimento da vida mais simples.

Contudo, ao mesmo tempo em que se estimula o discurso opressor, um enredo literário pode, igualmente, contribuir para a desconstrução do discurso dominante e para a construção de um novo discurso que estimule o respeito à diversidade sexual e de gênero, a busca pela igualdade de raça/etnia e uma sociedade constituída por classes sociais diferentes que mantêm relacionamento sem interesses financeiros.

A literatura não é uma foto da realidade, mas os enredos podem ser muito semelhantes ao que acontece na vida social, tratando de temas polêmicos como uma forma de contribuir para desconstruir estereótipos. Nesse sentido, o objetivo desse estudo é analisar o romance “A Princesa e a Costureira”, da autora Janaína Leslão, de modo a trazer reflexões sobre a homossexualidade nas narrativas infantojuvenis.

A literatura como forma de humanizar o homem

O componente Língua Portuguesa, da Base Nacional Comum Curricular, propõe que a língua e a literatura não devem ser tomadas como um fim em si mesmo, mas estar envolvidas em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua em práticas situadas de linguagem (BRASIL, 2018). Ainda segundo a BNCC, a literatura exercita a empatia e o diálogo, permitindo contato com valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos contribuindo, deste forma, para o modo de ser e estar no mundo (BRASIL, 2018).

Por isso que Antônio Candido, no texto “O direito à literatura”, defende que uma das funções da literatura, seja promover o processo de humanização da pessoa:

Entendo aqui por *humanização* [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004, p. 180, grifo do autor).

Assim, a leitura permite que o leitor se transporte à história e vivencie, experimente os dilemas dos personagens, fazendo-o refletir sobre as questões expressas,

o que, de certa forma, aponta caminhos diferentes aos que a realidade impõe. Nesse contexto, o mesmo autor estabelece que

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2004, p. 175).

Para ele, as literaturas também são modificadas de acordo com o contexto social vigente da época em que são escritas. Isso aponta o motivo de se pensar em introduzir a homossexualidade na literatura ao se tratar de uma sociedade contemporânea em que, a partir de movimentos feministas e LGBTQI+, os homossexuais começam a se posicionar de forma resistente à opressão, já que muito tempo em nossa cultura eles tenham sofrido devido à uma sociedade cercada de tabus, discriminação e violência.

Sendo que não existe uma identidade de gênero por trás dos termos que se referem a gênero. A identidade é performativamente constituída. (BUTLER, 2003). Assim, o binarismo defendido pela maioria cai por terra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O romance *A Princesa e a Costureira*, de Janaína Leslão, em suas páginas iniciais, já representa claramente a heteronormatividade social ao relatar o casamento arranjado que os pais da protagonista Cíntia planejaram entre ela e o príncipe Febo, para que desse modo, pudesse se fortalecer uma aliança de paz entre os povos.

As duas famílias reais desejavam que seus filhos se casassem para manter os laços de amizade entre elas e, assim, preservar a paz entre seus povos. Ninguém do povo ou da realeza gostava de guerras e todos resolviam suas diferenças com conversas, por mais difíceis que fossem os assuntos. A família real de EntreLagos tinha um único filho, o príncipe Febo. Quando pequeno, Febo soube que seu destino estava traçado e que se casaria com a princesa Cíntia. (LESLÃO, 2015, p. 9 -10).

Interessante pensar também em como o romance aborda, além da questão do empoderamento da mulher negra, a questão de classe social, já que a história é um romance entre uma princesa inserida na elite social, contrapondo-se à uma costureira, que representa a classe pobre do povoado, na passagem: “O nome da costureira era Istar.

Embora jovem, era viúva e trabalhava para sustentar seu filho de apenas um ano de idade. Quando ela ainda estava grávida, o marido foi convocado para guerra e morreu durante uma batalha.” (LESLÃO, 2015, p. 13).

Ainda que as mulheres lutem por igualdade de gênero e as brancas sejam somente discriminadas por serem mulheres, as negras sofrem duplamente por esses fatores que as perseguem, sendo que elas passam pelo preconceito causado pela interseccionalidade, que é uma conceituação que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação, especificamente da forma pela qual o racismo, o sistema patriarcal, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2012).

Importa ressaltar que Istar é uma mulher pobre, viúva e mãe, o que permite que a narrativa desconstrua ainda mais alguns tabus sociais. Além disso, o texto também traz alguns apontamentos para a questão da tradição heterossexual ou heteronormativa, fazendo com que a protagonista na história tenha alguns conflitos quando se apaixona pela costureira:

Cíntia começou a chorar porque temia pelo futuro incerto de todos. Disse a irmã que os reis e as rainhas não a perdoariam por descumprir um compromisso assumido por eles a muito tempo. Pensava que o povo de EntreRios deixaria de amá-la. Que magoaria Febo, seu melhor amigo. Para piorar, a tradição dizia que uma mulher tinha que amar um homem. E agora, seria jogada na rua por amar uma mulher? Seria condenada a um casamento forçado apenas para cumprir o que era esperado pela tradição? Como faria para que todos entendessem o que esse amor era tão amor quanto outros amores? (LESLÃO, 2015, p. 21).

A história aborda a homossexualidade sem que existam estereótipos em relação ao comportamento homossexual. De forma realista e fazendo associações positivas, a homossexualidade é tratada da forma como realmente é, assim como a heterossexualidade, sendo expressa como uma forma de amar: “[...] que o amor era sempre bonito: bonito entre príncipes e princesas, entre reis e camponesas, entre soldados e artesãos ou entre costureiras e princesas.” (LESLÃO, 2015, p. 25).

No mais, a protagonista Cíntia em nenhum momento se questiona sobre ter se apaixonado por uma mulher; ela aceita a homossexualidade com naturalidade mesmo prevendo que isso não seria bem visto por todos. Em momento algum se questiona sobre

ser certo ou errado, mas afirma que poderia não ser compreendida, já que à época, era uma tradição as mulheres ficarem com os homens.

Logo, enredo retrata a dificuldade do rei, em aceitar a relação homossexual da filha e opta por puni-la por isso. Como autoridade paterna, que vigia a moral da família, ordena que a princesa seja presa: “[...] as portas se abriram e o rei ordenou aos guardas: - Prendam a princesa Cíntia na torre de castelo!” (LESLÃO, 2015, p. 20).

No momento em que Cíntia contou que não se casaria com Febo e que estava apaixonada por uma mulher, houve uma grande confusão e a mãe de Cíntia acidentalmente ao tentar defender a filha, foi ferida.

Como o rei amava a esposa, mesmo com todo o preconceito presente no ato de prender a filha, prometeu que “[...] daria a mão de Cíntia em casamento para quem curasse a rainha. Ele abriria mão do desejo de unir os dois reinos para salvar sua amada esposa. Rei e rainha de EntreLagos certamente compreenderiam a situação.” (LESLÃO, 2015, p. 27)

Isthar era uma costureira renomada, pois, além de sua habilidade, também tinha uma agulha mágica que era sua mais valiosa herança de família. Quando o rei permitiu que ela tentasse curar a rainha, depois de humilhá-la por muitos dias a jogando na lama, Isthar disse:

Alteza, esta é uma agulha mágica. Ela está com a minha família a muitas gerações e tem o poder de costurar qualquer tecido que exista no mundo. Com ela, costuramos roupas para as pessoas, mas nunca tivemos a necessidade de costurar seus corpos. Mesmo assim, acredito que a pele é uma roupa com a qual nascemos e, por respeito a senhora e pelo sentimento que tenho pela vossa filha, sei que a magia se fará presente e fecharemos essa ferida. (LESLÃO, 2015, p. 36).

Nesse segmento, é possível fazer inferências sobre duas metáforas presentes na narrativa: a primeira, ao apresentar que a costureira, com a agulha mágica, poderia curar a ferida da rainha e assim, através do amor verdadeiro que sentia pela princesa, poderia costurar novas relações na família real e no reino; a segunda, aparece com a prisão da princesa na torre pelo pai quando conta aos familiares que está apaixonada por uma mulher, posto que a torre remete ao preconceito social presente em relação aos relacionamentos homossexuais.

A história também relata sobre a questão da homofobia e as violências que são cometidas em sua decorrência através da punição e humilhação excessivas direcionadas às meninas apaixonadas, que na maioria dos casos, condiz com a realidade das pessoas

homossexuais na sociedade. E muitas violências começam no próprio contexto familiar, assim como é narrado no romance.

Em relação às humilhações constantes que o rei acometia à sua filha Cíntia e à sua pretendente, o povo havia acatado inicialmente, mas com o tempo, percebeu que as duas realmente se amavam e que aquele posicionamento era injusto para com elas e resolveu ferir o rei; todos se reuniram com tochas e entraram no castelo, declarando que um rei injusto não merecia conduzir o seu reinado. Diante dessa situação, Istar tentou proteger a vida de quem mais a odiava, dizendo: “- Parem todos”- gritou – Não percebem que estão querendo corrigir uma injustiça com outra?” (LESLÃO, 2015, p. 41).

Todo este enredo traz uma lição interessante para as crianças e adolescentes, porque, mesmo depois de não ter concordado com o relacionamento, ter prendido a filha na torre e desagradado seus súditos, o rei se posiciona de forma diferente, ensinando que com violência e preconceito a situação se agrava:

Cíntia, creio que todo mal que abateu nossa família foi em consequência de eu não ter respeitado seu amor por Istar. Hoje compreendo que nada vale mais do que este sentimento. Eu quase perdi minha amada e fiquei sem o amor de minhas filhas e meu povo. (LESLÃO, 2015, p. 42).

Através da análise do romance, pode-se concluir que a necessidade de introduzir a homossexualidade na literatura se constitui a partir de uma representação da sociedade como ela é, imprimindo os seus mais diversos tipos de expressão e direitos de ser. E que, assim como na história, o único impedimento que se faz de fato como um problema, é a homofobia, que, como a história representa significativamente, é fruto da intolerância, promove o ódio e atenta contra a vida das pessoas, sobretudo, dos homossexuais. Desse modo, sabendo-se que a homofobia é uma questão urgente, introduzir a homossexualidade na literatura de forma adequada, como no romance analisado acima, pode contribuir para humanizar as relações sociais e aceitar as diferenças existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interseccionalidade desses marcadores sociais da diferença, especialmente os de gênero, raça/etnia, devem ser destacados, já que não é comum princesas serem apresentadas na literatura como homossexuais e negras. O estereótipo

mais comum é o da mulher heterossexual, branca e que se casa com homens (príncipes) ricos. Ao se relacionar com uma mulher, negra e pobre, transgredindo e ressignificando a noção de princesa sedimentada pela literatura, a autora traz importante contribuição.

Assim, o protagonismo homossexual no romance rompe com a heteronormatividade compulsória, de modo que o homossexual também tenha representação em uma sociedade que o marginaliza. Logo, a arte expressa no enredo literário apresenta possibilidades de se viver dialeticamente problemas sociais cotidianos, ressignificando-os através da arte, modificando-se a forma de olhar as questões de gênero, raça/etnia e classe social na sociedade.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CÂNDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 4 ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Cartografiando los márgenes. Interseccionalidad, políticas identitária, y violênciã contra las mujeres de color. In: MÉNDEZ, Raquel Lucas Platero (Org.). **Intersecciones: cuerpos y sexualidades enlaencrucijada**. Barcelona: Bellaterra, 2012. p. 87-122.

LESLÃO, Janaina. **A princesa e a costureira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2015.